

CAPARARI



A família do Caparari é a mesma da cachara e do pintado (surubim), e são todos peixes de couro, dotados de barbilhões, por onde captam sensações gustativas e olfativas, além do tato – é claro.

Os olhos são situados mais no topo da cabeça, pois são peixes que normalmente habitam as águas mais profundas em poços, e por isso a sensibilidade dos barbilhões – ou bigodes – é tão importante em sua sobrevivência.

Sua carne é sem espinhos e muito saborosa, motivo pelo qual são pescados e abatidos sem qualquer parcimônia, e vendidos, muitas vezes filetados para esconder o tamanho reduzido do exemplar.



Na briga o Caparari é muito mais feroz e agitado que a cachara e o pintado, colocando a cabeça para fora d'água e agitando-a, tentando retirar o anzol a todo custo, tomando muita linha e tendo muita resistência. Habitam a região amazônica do Mato Grosso, Rondônia, Roraima, Amazonas, etc...



O formato da cabeça do caparari é outro diferencial entre eles e os pintados e cacharas: enquanto os dois últimos tem a parte superior da boca um pouco maior que a inferior, o caparari possui uma boca que funciona como uma pinça.



Assim, enquanto os cacharas e pintados ao colocar a isca na boca já estão com ela bem interna, com relação à parte superior, os capararis seguram primeiro a isca apertando-a, para somente algum tempo depois a acomodarem na boca ou engolirem. Outra diferença das cabeças desta espécie e das outras duas é que o caparari tem uma cabeça mais alta e que se achata bruscamente formando um “*bico*” mais alongado, o que não ocorre com pintados e cacharas. Podem atingir mais de trinta quilos e ter mais de 1,5 metros de comprimento.





ISCA

As notícias de capararis fígados em iscas artificiais são raras, e normalmente ocorrem com iscas de meia-água ou fundo lançadas em raseiras.

As iscas mais usuais em sua captura são peixes inteiros ou em toletes (postas), compondo-se de piaus, curimbas, traíras, saúas e outros forrageiros.

Também atacam bem minhocuçus, o que talvez possa também ocorrer com iscas de plástico (softs, ou seja, macias) como minhocas, salamandras e criaturas, desde

que mergulhadas em essências, pois seu olfato é muito pronunciado.



ANZÓIS – Para a pesca desta espécie os anzóis variarão de 7/0 a 10/0, empatados com aço (preferencialmente flexível) de 30 cm e 60 libras de resistência. Sua boca, apesar de não ser óssea como a dos dourados e cachorras, é dura como couro, devendo os anzóis serem amolados previamente, pois é muito mais difícil cravar o mesmo do que nas cacharas e pintados. Em caso de anzóis circulares, aconselhamos os de tamanho de 8/0 a 10/0, com empate menor (10 cm) apenas por uma eventual piranha, cachorra ou traíra que poderá atacar a isca. Tuviras também são ótimas iscas.





LINHA DE MONOFILAMENTO OU MULTIFILAMENTO – As linhas utilizadas em sua pesca podem ser de monofilamento ou de multifilamento, mas devem ter resistência de aproximadas 50 libras, em carretilha ou molinete que comportem ao menos 100 a 150 metros da linha escolhida. As linhas de monofilamento tem a vantagem de maior resistência à abrasão (muitas vezes os peixes se escondem abaixo da vegetação aquática e as linhas *ralam* nas raízes do aguapé, podendo se romper. Já as multifilamento tem a vantagem de quase não terem elasticidade e com isso ferrarem o peixe com maior eficiência. Assim, se forem utilizados anzóis circulares, aconselhamos a utilização de linhas de naylon, pois com este equipamento não há ferrada, mas o pescador tão somente oferecerá resistência ao peixe quando este retesar a linha, fisingando-se normalmente no “*canivete*”.(junção da parte superior e inferior da boca). Em caso de utilização de

líderes de fluorcarbono, os ataques muito provavelmente aumentarão substancialmente, mas muitos anzóis serão perdidos com as piranhas e traíras que habitam os poços e raseiras, respectivamente, onde a espécie habita.



BÓIAS – Não são utilizadas nesta modalidade de pesca, onde até mesmo as chumbadas são evitadas, tanto para não ocasionar ruído que atraia piranhas e botos, quanto para a apresentação das iscas já um pouco robustas, como os peixes inteiros e toletes. Em caso de pesca com minhocuçus, a chumbada devem ser apenas suficiente para levar a isca aos poços e proporcionar peso para arremesso com as carretilhas.

CINTO DE BRIGA – Tal acessório é necessário para os embates o caparari briga muito e faz com que o pescador firme o cabo da vara em seu abdômem, o que poderá lhe render danos corporais e contusões, principalmente com os grandes espécimes.





REGULAGEM DE FRICÇÃO – A fricção da carretilha ou molinete deverá ser ajustada em aproximados 35% da capacidade de tração da linha escolhida, e, em caso de proximidade com troncos ou grandes moitas de aguapés, deverá ser um pouco mais fechada, para evitar que o peixe fisgado corra para tais obstáculos e neles consiga se livrar do anzol.

LOCAIS E ÉPOCAS DE PESCA

Na bacia amazônica a melhor época é a da cheias, nos rios Teles Pires, Aripuanã, Roosevelt, por exemplo, mas a pescaria no visual, em rios como o Cururu, São Benedito ou azul, ocorrerá na seca. Enquanto nas cheias o isca deverá ser lançada nos poços e canal dos rios, nas secas será no limite dos *taropes* (aguapés), beirada de vegetação, e raseiras, onde a silhueta do peixe é avistada e a isca arremessada em torno de 1 metro distante, ocorrendo a fisgada assim que o peixe carregar a isca. Também nos rebojos de águas rápidas antes e logo após corredeiras e cachoeiras, são locais possíveis de encontrar esta espécie predadora, aguardando

peixes que tenham enfrentado as águas rápidas e ainda não estejam completamente restabelecidos.

MEU LOCAL PREFERIDO PARA A ESPÉCIE: Rios Guaporé, Cabixi e Verde, todos no Estado de Rondônia, próximos à fronteira com a Bolívia, na época das secas, entre agosto e setembro, ou no próprio rio, ou em locais marginais com águas mais lentas, mas com comunicação com o rio.



A BRIGA – Os capararis são peixes muito mais difíceis de fisgar que qualquer outro peixe de couro. Isso porque, sendo peixes mais solitários, se aproximam da isca com cautela, e antes de colocá-la na boca, a seguram fortemente com o bico (parte superior e inferior da boca) como se fosse uma pinça, se deslocando alguns metros do local onde a isca estava, para só então iniciar a alimentação. Com isso, aquela forte corrida inicial que o pescador normalmente tem por sinal para a

ferrada, nesta espécie ocasiona muitas vezes a perda do peixe, que simplesmente larga a isca que se encontrava apertada entre as mandíbulas e vai embora, frustrando o pescador que já julgava o peixe ferrado!



Igualmente o anzol deve se encontrar posicionado na isca de forma a não espetar o peixe antes que seja dada a fígada, ou ele largará a isca apertada na boca tão logo sentir sua presença.

Mas após conseguir fígada esta espécie o pescador ainda está longe de tê-la nos braços para a foto, pois se trata de peixe extremamente forte, e que ao se aproximar do barco, chega bem próximo da superfície e sacode violentamente a cabeça com a boca arreganhada, tentando se livrar do anzol (o que muitas vezes ocorre por suas

cartilagens bucais serem bem duras), por 5 ou mais vezes! Se não consegue, arremete por baixo do barco tentando raspar a linha no fundo da embarcação, e depois, segue rumo aos camalotes, tentando se emaranhar em suas raízes e cortar por atrito sua linha.

Se o pescador a tudo isso resiste, ainda tem que tomar muito cuidado no manuseio do espécime, pois os capararis possuem ferrões laterais e na nadadeira dorsal muito pontiagudos e qualquer distração poderá ocasionar um sério acidente, com dores escruciantes até mesmo necessidade de socorro médico, pois seus *espinhos* são finos, pontiagudos e com uma serrilha que os auxilia na penetração mas dificulta na retirada.



Com tantas possibilidades de erros e perdas, não é à toa que aqueles que conseguem tem em mãos um troféu como este jamais esquecem a aventura de pescá-los.

Apesar de peixes resistentes fora d'água, devem ser mantidos na horizontal (para não causar pressão em seus órgãos internos) e tão logo batidas as fotos devem ser imersos na água, com sua cabeça em direção à correnteza para oxigenação plena, deixando as mãos do pescador quando suficientemente restabelecido.

